

# **POLÍTICAS E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO NO INTERIOR DA FLORESTA ACREANA**

**Maria Aldecy Rodrigues de Lima**

UFRN/UFAC/Brasil

aldecyczs@gmail.com

**Erika dos Reis Gusmão Andrade**

UFRN/Brasil

ergandrade@ufrnet.br

**Resumo:** Formar-se. Desejo presentificado entre docentes que vivem o isolamento, a distância, o medo, a angústia solitária do exercício da profissão no interior da floresta. O processo de formação que ora os inscreve modela uma relação professor/aluno/comunidade. São jovens professores que saíram da cidade deixando para trás a família – e tudo que tinham. Deparam-se com a cultura local, cuja natureza penetra a vida pessoal construindo outra história. Através do PCM e da entrevista semi-estruturada trilhamos um percurso metodológico para entender o desejo escondido no silêncio da floresta, a política de formação. Assim, delineamos como objetivo, neste texto, refletir os aspectos da formação desses profissionais, bem como o seu fazer docente.

**Palavras chave:** profissão docente; escolas ribeirinhas; formação.

## **INTRODUÇÃO**

Política de formação, práticas pedagógicas e representações sociais são itens que se articulam neste enredo tentando entender o pensar e o agir de professores que adentram um ambiente novo para o exercício da docência.

Navegar pelas águas dos rios acreanos em direção às comunidades ribeirinhas e os seringais é tarefa corriqueira para os profissionais da educação dessa região. Navegando pelo interior da floresta, vão embalados por sonhos, pela necessária angústia em conhecer o novo. Pela tarefa do ensinar. Pela busca do emprego. É como se fossem corpos estranhos que adentram um ambiente novo e de particularidades ímpares. Junto com os moradores, encorajam-se para entrar na mata em busca de alimentos, e pescar ao longo dos rios e igarapés. É nesse entremeio rio-mata-homem que vivem ribeirinhos e professores. Junto a essa gente constroem outro jeito de viver. Mobilizam outras estratégias. Buscam outros saberes. Sua chegada é movida pelo medo e atenção, buscando a interação com o grupo.

A prática desses profissionais precisa articular-se com os saberes e os conhecimentos, as vivências, habilidades, valores e atitudes sociais, profissionais e pessoais. As dúvidas e o medo talvez mobilizem a criação de representações sociais do ser docente e, desse modo agir, uma vez que a representação social se caracteriza como um “guia de ação”. Jodelet (2001, p.

17) alerta para o fato de que “sempre há a necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta, dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas que se apresentam: é por isso que criamos representações”. A autora nos alerta ainda sobre a problemática que são desemboca levando-se em consideração: 1) “as condições de circulação”; 2) “os processos e estados”; 3) “estatuto epistemológico das representações sociais”. De modo que é preciso articular questões que respondam as seguintes formulações: “quem sabe e de onde sabe?”, “o que e como sabe?”, “o sobre o que e com que efeitos?”.

As situações de ensino que irão enfrentar são desafiadoras e provocarão a necessidade de criação de mecanismos e estratégias que talvez a formação inicial não consiga resolver. Para Cavaco (1999, p. 164), “o jovem professor pode ser levado a reatualizar experiências vividas como aluno e a elaborar esquemas de atuação que rotinizam e que se filiam em modelos tradicionais, esquecendo mesmo as propostas inovadoras que teoricamente defendera”.

A Teoria das Representações Sociais difundida por Moscovici nos instiga, a saber qual a representação social do ser professor nessas comunidades. Trata-se de uma teoria que, pelas vias do conhecimento psicológico, busca entender os pensamentos e modos de agir do outro. É a partir disso que sentimos a necessidade de entender o constituírem-se professores para com os moradores ribeirinhos, desejosos pelo saber da ciência que a escola dissemina e que a compreendem como veleidade do futuro.

## **OS DITOS E A BUSCA DE SENTIDO**

Na tentativa de apreender tais representações, optamos pela aplicação do Procedimento de Classificação Múltipla (PCM). Como parte integrante desta metodologia aplicamos inicialmente a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) utilizando dois estímulos: “ser professor é”, “ser professor em comunidades ribeirinhas é”. Segundo Andrade (2003, p. 76), a TALP:

Consiste em desencadear a fala a partir de um mote indutor, demandando dos participantes a produção de ideias que lhes vêm à mente quando apresentada a palavra ou expressão desencadeante. Desta forma, traz à tona o universo semântico do objeto de estudo, permitindo-nos acessar os elementos latentes que seriam ignorados ou mascarados em produções discursivas. Andrade (2003, p. 76).

A TALP foi aplicada em outubro de 2008 na cidade de Mâncio Lima – Acre com 30 professores/alunos. O critério para participar da metodológica de nossa pesquisa de doutorado foi: ser professor ribeirinho; estar participando do Programa Especial de Formação de Professores - zona rural (PEFPEB) e atuar no Ensino Fundamental. Numa manhã de sábado, céu claro, sol imponente. Logo cedo todos a postos: alunos/cursistas, seus professores e eu no papel de pesquisadora. No fundo, a dúvida, e com ela, o receio. O medo inerente às novas situações. A coragem. Nessa luta e unidade dos contrários, a fonte de conhecimento. Não se trata de uma casualidade, mas de uma necessidade, de um evento que tem que acontecer. Precisamos da palavra para apreender a representação social do ser professor. Precisamos da voz para entender esta situação em que hoje se encontram: ser professor, estar professor nessas comunidades de difícil acesso. Expus o objeto e objetivos da pesquisa. Distribuí a folha de protocolo que foi preenchida pelos professores que, por livre e espontânea vontade decidiram contribuir, sendo, portanto, sujeitos integrantes deste trabalho. Em seguida, a folha com o estímulo: SER PROFESSOR É. Pedi que escrevessem três palavras que lhes viessem à mente ao ouvir/ler o estímulo. Solicitei que marcassem qual das palavras era a mais importante e justificassem (de forma escrita) o porquê. Com o mesmo indicativo, distribuí a terceira folha com o estímulo: SER PROFESSOR EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS É.

É importante destacar que as folhas, com exceção do protocolo, foram colocadas emborcadas na carteira dos professores/alunos. Após a distribuição para todos, solicitei que as desvirassem. Eu mesma falava o estímulo que já estava escrito no papel. Por se tratar de uma técnica projetiva, ajudou-nos a acessar o que eles pensam no momento que ouviam o estímulo, sem tempo para ficar pensando qual seria a melhor palavra a ser dita para a professora/pesquisadora. Sem medo também de errar. O que importa para nós, neste momento, é perceber como os professores estão lidando com o estímulo que faz parte do cotidiano de suas vidas. Optamos pela forma escrita na aplicação da técnica, em virtude das circunstâncias. Momento em que os professores estavam na cidade cumprindo calendário de atividades acadêmico-avaliativas.

É conveniente salientar que os professores ouvidos e que darão sustentação ao nosso trabalho estão hoje em processo de formação em nível superior através do convênio firmado entre a Universidade Federal do Acre, Secretaria de Estado de Educação e Prefeituras municipais. Trata-se de um programa Especial de Formação de Professores que visa titulá-los em nível superior, de acordo com as implicações legais. Vejamos em (LINHARES 2003) o aspecto legal dessa exigência de formação:

O artigo 62 da LDB Nº 9.394/96 admite como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio na modalidade normal. Já o artigo 87, em seu § 4º, reza que até o final da década da educação somente serão admitidos professores habilitado em nível superior, coloca como outra possibilidade quando aceita como equivalentes os formados por treinamento em serviço (LINHARES, 2003, p. 20).

A autora apresenta em sua obra uma crítica quanto aos programas de formação que foram criados para atender o aspecto legal de formação. São situações muitas vezes em que os professores são obrigados a estudar nos finais de semana e feriados, subtraindo a qualidade do curso por conta da rapidez com que são ministrados. Não diferente de outras situações do país, é assim também que se dá a formação de professores no Estado do Acre.

Após concluir o Ensino Médio, muitos jovens vão trabalhar como professores às margens dos rios. Entretanto, a formação que outrora os autorizou a exercer a docência já não mais permite mantê-los em seus empregos. Dessa monta, são deslocados de seus afazeres (profissionais, pessoais) nos meses de janeiro, fevereiro e março para cursar a Faculdade em período integral na Universidade Federal do Acre, em busca da qualificação exigida por lei. O curso funciona no Campus Floresta no município de Cruzeiro do Sul – Ac que atende aos municípios de Mâncio Lima, Cruzeiro do Sul e Rodrigues Alves. Já os municípios menores como Porto Walter e Marechal Thaumaturgo, são atendidos em espaços cedidos pela Secretaria de Educação do Estado. Dado o distanciamento geográfico que dificulta o deslocamento dos professores cursistas, os docentes da Universidade vão até estes dois últimos municípios ministrar as disciplinas que acontecem de forma intensiva, inclusive aos sábados. Quanto a essa forma acelerada do processo de formação, (LINHARES 2003) posiciona-se dizendo que:

Essa grosseira banalização da formação de professores fragilizou o já difícil processo de construção da identidade profissional do magistério, pois um dos principais fatores que definem a identidade de uma categoria profissional é a especificidade do curso de formação. Ademais, [...] a busca por esses programas funciona como estratégias de sobrevivência no mercado de trabalho, no qual alguns graduandos podem alargar suas possibilidades de acesso ao emprego, ainda que ao preço de se desviar de sua área de origem e de preferência. (Linhares, 2003, p. 45).

O curso que iniciou em 2006 tem previsão de término em março de 2011, cuja meta é formar todos os professores da rede Estadual e Municipal de ensino, não só do Ensino Básico.

A formação dos professores abrange também outras licenciaturas que atendem ao Ensino Médio tais como: História, Geografia, Biologia, Matemática e Letras.

É diante das transformações espaço temporal que vivem e trabalham e estudam esses professores. São informações dos afazeres do dia-a-dia no interior da floresta, situações didático-pedagógicas que precisam abraçar como causa primeira para conseguir alfabetizar toda essa gente. É uma legislação que, de certa forma, impõe formação a todo o quadro de professores. Por um lado, tal exigência legal, permite que o nível formativo aumente na região diminuindo a responsabilidade atribuída a não formação de professores e evidenciando as questões estruturais da educação e sócio-políticas. São forças que coexistem no fazer docente de um passado difuso, um presente de desafios e um futuro incerto.

Cavaco (1999) alerta sobre os elementos de construção identitária, constituídos, desde os ciclos de vida às histórias do tempo de professor. Salienta a necessidade de ultrapassar, na formação docente, os limites da sala de aula para inteirar-se nas relações numa perspectiva poliédrica, multifacetada. Na verdade, o modelo de formação, pautado nos moldes tradicionais do ensino, parece não mais dar conta da formação, nem do professor nem do cidadão em pleno gozo de sua cidadania. Desse modo, a autora ressalta que:

Ultrapassam-se as visões clássicas que o situam na eficácia do seu fazer, como agente social, no espaço restrito da sala de aula, para o consideramos de forma integrada, como homem/cidadão/profissional, em devir, inserido e em ação, na sociedade do seu tempo. (CAVACO, 1999, p.159).

As situações de ensino que os jovens professores irão enfrentar nas comunidades ribeirinhas, principalmente no espaço da sala de aula, são desafiadoras e provocarão a necessidade de criação de mecanismos e estratégias que talvez a formação inicial não consiga resolver. Para Cavaco (1999, p. 164), o jovem professor pode ser levado a reatualizar experiências vividas como aluno e a elaborar esquemas de atuação que rotinizam e que se filiam em modelos tradicionais, esquecendo mesmo as propostas inovadoras que teoricamente defendera.

Trazemos como primeira análise o campo semântico da TALP. Vale destacar que optamos pelo cruzamento dos dados dos dois estímulos (ser professor é, ser professor em comunidades ribeirinhas é), em virtude da proximidade de sentido nas evocações, cujas palavras são: amigo, prazeroso, corajoso, responsável, sofrimento, educador, difícil, amor, compreensivo, transmissor, colaborador, guia, competente, herói, solidariedade, mediador,

criativo, compreensivo, valorização profissional, conhecimento, acreditar, autoridade, necessidade, paciente, planejar, pontualidade, progredir, missionário.

As dimensões a seguir são o indicativo do que apreendemos até então. Desse modo, pensamos nos **atributos afetivos**, posto que as palavras: “paciente”, “compreensivo”, “solidariedade”, “amigo”, “prazeroso”, “amor” e “herói” estão vinculadas aos sentimentos do afeto da vida humana e também profissional. “É preciso ser amigo dos alunos e da comunidade”, dizem os professores. “Quem não é amigo não consegue fazer um bom trabalho, nem permanecer na comunidade”. Quem não tem amor não realiza suas funções com prazer.

É preciso ser paciente para ajudar os alunos no processo de construção do conhecimento, sendo paciente com as situações vivenciadas no ato educativo. São, na verdade, atributos ligados aos aspectos emocionais, ao afeto que deve acontecer também na relação pedagógica.

Há uma segunda dimensão marcada pelas **dificuldades da docência**. Nela emergem as palavras: “necessidade”, “sofrimento”, “corajoso”, “difícil” e “valorização profissional”. Trabalhar nos seringais, nas margens dos rios é uma necessidade. Sentida tanto pela falta de emprego na cidade, como pela vontade de aprender a ler, manifestada pelos moradores. É difícil ir e ficar naqueles confins, longe das informações, longe do círculo de amigos construídos ao longo da vida, longe da família. É difícil o acesso à escola. Os alunos também passam por dificuldades em relação aos caminhos, aos varadouros ou ao leito dos rios e igarapés para adentrar a porta da escola – acesso à ciência.

Os professores ressentem-se da desvalorização da própria profissão, da desvalorização pautada pela discriminação por serem professores de zona rural. Queixam-se por viverem abandonados no isolamento das matas tendo que fazer seus planejamentos sozinhos, sem a ajuda de um Coordenador Pedagógico, sem material didático e uma estrutura física favorável. É difícil ser professor nas salas multisseriadas, acumulando as funções de lenhador, servente, merendeiro. Agrega-se a isso o “ser tudo” para aqueles alunos: Padre, pastor, médico, dentista, psicólogo.

Quanto aos **atributos técnicos**, listamos as seguintes palavras: “pontualidade”, “competente”, “responsável”, “planejar”, “conhecimento”, “autoridade”, “criativo”, “compromisso”. São qualidades que todo profissional precisa para fazer seu trabalho. Uma aula sem planejamento é como um barco sem quilha. Fica à deriva esperando a hora que não passa, o aluno que não aprende, o sucesso que se distancia mais e mais. Assim como as

demais evocações, “responsável”, “compromisso” e “criativo” remetem à perspectiva de permanência do emprego, enquanto o contrário leva a desilusão e a maximizar a fila dos desempregados. As comunidades exigem isso dos professores. O não cumprimento desses itens leva a não renovação de seus contratos. São vários olhares que se fixam no que o professor ensina, os horários que chega e sai da escola, os compromissos aos quais são solicitados a comparecer. Quem não é pontual não se fixa na comunidade, nem na carreira docente. As palavras: “educador”, “mediador”, “colaborador”, “guia”, “transmissor” e “missionário” são atributos do **modelo de professor**.

O educador é aquele profissional que não guarda para si os saberes adquiridos, mas que compartilha com o outro o que aprendeu. Ao mesmo tempo em que educa, colabora com os alunos, no sentido de ensinar-lhes as primeiras letras, fazendo, assim, a mediação entre o que eles ainda não sabem e o que precisam aprender na escola. O professor, nessas comunidades, é um espelho. O modelo para seus alunos. O exemplo a ser seguido. O guia que, sob olhares atentos, seus alunos tentam imitá-lo. A palavra missionário nos intriga. Nenhum professor iria para estas comunidades apenas por uma missão. No entanto, assim se consideram no posto/função que exercem. Além de sua profissão, celebram a palavra de Deus. Seja nas aulas de religião, seja nos cultos dominicais, seja nas preces que fazem diante do lamento, da dor e apego aos santos como ajuda primeira.

Na dimensão **além floresta** listamos o “acreditar” e “progredir”. Acreditar que, pelas vias do conhecimento escolar, o amanhã será melhor. Que o progresso vem paulatinamente com o saber desvendar os códigos gráficos. Acreditar que o trabalho dará certo. Que os alunos serão capazes de aprender. Acreditar que atrás do horizonte existe algo que pode um dia conhecer. Que o progresso vem com a aposta e não com a comodidade. Se não acreditarem na possibilidade de fazer um bom trabalho, estarão fadados ao insucesso, tanto pessoal como profissional. Atributos afetivos, dificuldades da docência, atributos técnicos, modelos de professor e além floresta. Tais dimensões encadeiam-se no jogo de sentido daquilo que foi dito. No jogo da própria vida que se vive, na contradição que possibilita a mudança. O professor vem da cidade inscrevendo-se numa outra familiaridade: da distância, da dificuldade. Do cumprimento ao dever da docência. Do distanciamento entre o que aprendeu na escola e o que precisa encarar agora como regente.

Na expressão da criatividade para fazer acontecer a aprendizagem mantendo os alunos na escola. Na árdua missão de ensinar o que nem sempre se aprende. Na responsabilidade que assumiu ao declarar à Secretaria de Educação que desejava o emprego. Há desafios, cujas

relações precisam ser mediadas pela afetividade em primeiro plano. Acreditar que conseguirá fazer um planejamento que consiga ensinar as letras, enquanto abana o fogo para cozer a merenda. Acreditar que quem não nasce em berço de ouro sofre para alcançar o progresso próprio e galgar outros patamares, além dos roçados, da caça e da pesca. Retomando (MOSCOVICI 2003) vemos que,

A teoria das representações sociais toma como ponto de partida a diversidade, atitudes e fenômenos em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível a partir de tal diversidade. (MOSCOVICI, 2003, p. 79).

As palavras do autor não são meras imagens, mas expressam um processo de pensamento. Assim vivem os professores: imersos neste mundo diverso, constroem e reconstróem representações, modos de viver e se relacionar com essa gente, cuja chama pelo saber escolar e pelas letras acende-se diante do imaginário incitado pelos retratos, imagens, letras e números que colam nas paredes de casa. Articulando-se, sobretudo, os saberes da tradição que os autorizam a sobrevivência na floresta.

## **CONSIDERAÇÕES EM ABERTO**

Na América Latina as reformas são impulsionadas por motivos financeiros enquanto que nos países desenvolvidos estas são impulsionadas pela ótica da competitividade. Segundo Cabral Neto (2000, p. 96) “a reforma do sistema educacional [...] é vista como um mecanismo para alcançar o crescimento econômico, a transformação cultural e a solidariedade nacional.”

As exigências para uma educação de qualidade nesse novo paradigma implica, também, um novo modelo de formação do professor. Em Cabral Neto (2000, p. 110) vimos que:

A tese da centralidade da educação e do conhecimento, como geradora das transformações produtivas, parece consensual nas propostas dos organismos internacionais para as políticas educacionais da América Latina. Esses organismos defendem a existência de um novo paradigma do conhecimento que estaria associado ao atual [...] esse paradigma seria menos discursivo e mais operativo; menos particularizado, mais interativo, comunicativo; menos intelectual, mais pragmático; menos setorizado, mais global; não apenas fortemente cognitivo, mais valorativo.



Falar da educação e do papel que ela exerce no contexto da sociedade moderna não é tão fácil, ainda mais quando comparamos o discurso oficial e legal contrastando com a realidade dos povos marginalizados. A globalização exige conhecimento e este, por sua vez, propaga-se de forma seletiva e excludente nas sociedades divididas em classe. Assim, não é possível conceber e atribuir à educação e à escola responsabilidades isoladas do contexto sócio-econômico e político, posto que a formação do homem perpassa vários aspectos na condução da vida.

Na floresta é preciso ver o homem na sua integridade maior que é a própria vida entremeada pelos mistérios que ela encarna, pelos saberes da tradição e pelas narrativas acolhedoras. É preciso ser amigo, solidário, criativo e paciente com todos minimizando, assim, os aspectos difíceis em detrimento de atributos afetivos e técnicos do fazer docente. Na relação objetividade/subjetividade estabelecem parâmetros identitários que os autoriza ser professor para essa gente. No exercício da profissão e no cumprimento do aspecto legal da política de formação, os professores orgulham-se de poder adentrar a porta da universidade abrindo assim, um leque de possibilidade no fazer docente que desabrocham a partir das reflexões teóricas e das discussões acadêmicas. Vivenciam desse modo, uma labuta constante sem o gozo de férias, mais satisfeitos no enfrentamento dos desafios da profissão e da formação.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Erika dos Reis Gusmão. **O saber e o fazer docente:** a representação social do processo de ensino-aprendizagem. 2003. 181f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

CABRAL NETO, Antonio; CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. *A formação de professor no contexto das reformas educacionais*. In.: YAMAMOTO, Osvaldo; CABRAL NETO, Antonio (Org.). *O psicólogo e a escola*. Natal: EDUFRN, 2000.

CAVACO, Maria Helena. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Profissão professor**. Tradutores: Irene Lima Mendes; Regina Correia; Luísa Santos Gil. 2. ed. Porto-Portugal: Porto Editora LDA, 1999.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Tradução. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LINHARES, Célia. **Formação de professores:** travessia crítica de um labirinto legal. Editora Plano: Brasília, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duvenn. Traduzido do inglês por Pedrinho A. Gaureschi. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SPINK, Mary Jane. “Dimensões metodológicas da teoria das representações sociais”. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, SANDRA (Org). **Textos em representações sociais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.